

C.P.

BOLETIM

BOLETIM DA C. P.

PUBLICAÇÃO MENSAL

DA DIRECÇÃO GERAL DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
DESTINADA EXCLUSIVAMENTE AO SEU PESSOAL

Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

Pela lotaria de 25 do corrente, vai ser sorteado entre os decifradores dos Problemas Recreativos que satisfizeram às condições do concurso inseridas no n.º 46 do *Boletim da C. P.*, o prémio correspondente ao trimestre Janeiro-Março.

Para esse efeito os números da lotaria atribuídos a cada um dos concorrentes são os seguintes:

Galeno	1 a 687	Visconde de la	
Dalton	688 a 1.374	Morlière.	5.497 a 6.183
Tupin.	1.375 a 2.061	Visconde de Cam-	
Lumar	2.062 a 2.748	bolh	6.184 a 6.870
Sancho Pança . .	2.749 a 3.435	Labina	6.871 a 7.557
Britabrantes . .	3.436 a 4.122	Alenitnes	7.558 a 8.244
Mefistófeles . .	4.123 a 4.809	Veste-se.	8.245 a 8.931
Marquês de Cari-		Fred-Rico	8.932 a 9.618
nhas	4.810 a 5.496	Otrebla	9.619 a 10.305
		Roldão	10.306 a 10.992

Pede-se aos colaboradores desta Secção para enviarem com a possível urgência produções charadísticas visto a sua reserva estar bastante diminuída. Destas produções tornam-se mais necessárias as Mefistófelicas, Biformes, Combinadas, Transpostas, Sincopadas, Aumentativas, Eléctricas, Em frase, Enigmas e Metagramas.

QUADRO DE DISTINÇÃO

Mefistófeles, 9 votos — Produção n.º 5

QUADRO DE HONRA

Galeno, Dalton, Tupin, Lumar, Sancho Pança, Mefistófeles e Britabrantes

QUADRO DE MÉRITO

Otrebla, Fred-Rico, Visconde de la Morlière, Marquês de Carinhas, Visconde de Cambolh, Roldão e Veste-se (17), Labina e Alenitnes (15)

Soluções do n.º 69

1 — Espalho, 2 — Faceira, 3 — Guerra, 4 — Freima, 5 — Zé-cuecas, 6 — Patachoca, 7 — Almadia, 8 — Timbroso, 9 — Despejado, 10 — Seima, 11 — Previsto, 12 — Meter-retem, 13 — Aba-aba, 14 — Morgue, 15 — Molhelha-molha, 16 — Cibato-cito, 17 — Púcaro-puro, 18 — Medida-meda.

Sincopadas

1 — 3-Todas as cousas mundanas podem atingir a última perfeição — 2.

Terco

2 — 3-Todos os da minha geração gostam da «ave trepadora da Africa» — 2.

Sancho Pança

3 — 3-Não estou pelo ajuste de contar essa história — 2.

Roldão

4 — 3-Na época mahometana applicavam muito este «arbusto» como tisana — 2.

Mefistófeles

5 — 3-Olha que a juvenca fica na casa de campo — 2.

Zé Sabino

6 — Logogrifo

(Ao ilustre Sô)

Crê que acho certa pilhéria
À frase desta «mulher» — 3-8-7-1
Que com uma ou outra léria — 4-5-7-6
Faz de nós sempre o que quer.

Mas nota, repara bem — 2-5

Toda ela é um engano...

Acharás... procura bem

Um «imperador romano».

Galeno

7 — Combinada

1.ª + ria — Bom aspecto
2.ª + nir — Peneirar
3.ª + mal — Borla do barrete
— Vaso de perfumes —

Sancho Pança

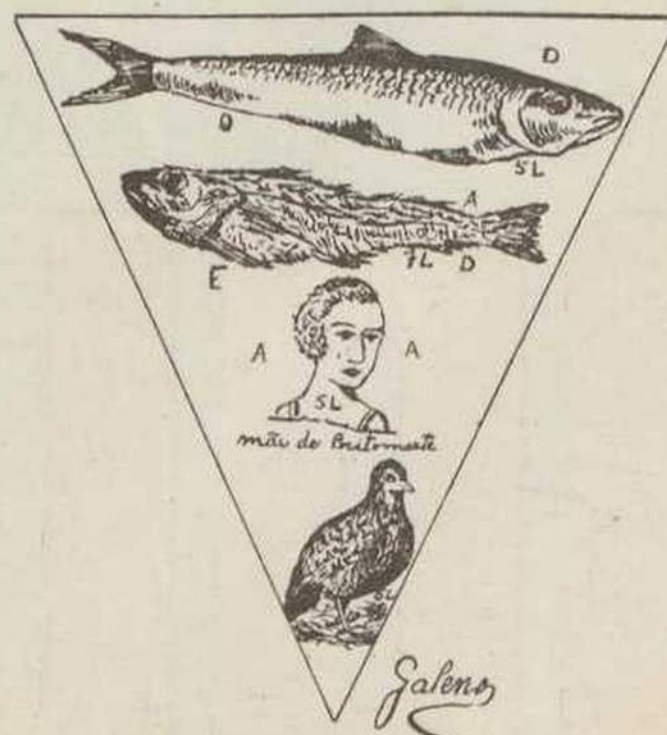
8 — Em quadrado

(A Fred-Rico)

Calhau
Desterrado
Espião da policia
Nome de dois reis da Suécia

Galeno

9 — ENIGMAPITORESCO



(Continua na outra página interior da capa)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PUBLICADO PELA DIRECÇÃO GERAL

SUMÁRIO: A Comunidade e a Educação. — Prescrições para a segurança individual do pessoal. — Digressão literária. — Consultas e documentos. — Novo aparelho para manobras. — O triunfo da organização. — Casamento de príncipes. — Pessoal.

A Comunidade e a Educação

Conferência realizada no Ateneu Ferro-viário em 12 de Janeiro último, pelo Snr. Eng.º Vicente Ferreira, Sub-Director da Companhia

(Continuação)

9—Meus Senhores! —Dizer que a «educação» tem por fim criar *hábitos físicos, intelectuais e morais*, é demasiado vago para exprimir o verdadeiro *objecto da educação*. Define-se melhor este objecto, acrescentando que os hábitos têm por fim tornar fácil, pacífica e mesmo agradável, a vida do agrupamento. Isto exige certas condições.

1.º — Que os hábitos sejam *comuns* a todos os membros do grupo, e, portanto, compreendidos e aceitos por todos eles, para não provocarem as reacções ou penalidades sociais, a que já me referi: ridículo, desdém, expulsão, reclusão, etc. E' o que podemos chamar a *lei da uniformidade*.

2.º — Que haja um *ideal social*, peculiar do agrupamento, que constitua a sua mentalidade, e ao qual toda a educação se subordine, podendo esse ideal variar de grupo para grupo, e, num mesmo grupo, de época para época,

mas *tendente, sempre, a opôr-se à dissociação da comunidade*. Será, se quizerem, a *lei da coesão social*.

Podemos resumir estes conceitos dizendo: — que os indivíduos se educam para a vida social (*lei da uniformidade*); mas que a sociedade, ou melhor, a mentalidade do grupo social, é que determina a natureza e caracter da educação que mais convém à existência, ao desenvolvimento e à felicidade do mesmo grupo (*lei da coesão*).

Exemplificando...

— Quanto à *lei da uniformidade*: — E' fácil observar a tendência de todos os indivíduos do mesmo país a adoptarem, não só a mesma língua, — o que é evidente —, mas o mesmo modo de se vestirem, de se cumprimentarem, de tratarem os negócios, de se divertirem, etc.

Quanto menos numeroso e mais fechado é o grupo, — o das pequenas aldeias, por exem-

plo —, mais rigorosa é a uniformidade de costumes, mantida, às vezes, por sanções ferozes. E' por isso que as raparigas de certas aldeias da Beira, que vêm servir em Lisboa, não se atrevem a visitar a terra natal, calçando ou vestindo à moda da cidade. Isto pelo receio do escândalo que provocam. A pergunta irónica que lhe dirigem: — «ó Maria, como o ganhaste?» — contém uma censura impiedosa, que nenhuma rapariga honesta tem a coragem de afrontar.

— Quanto à *lei da coesão social*: Lembrarei, em primeiro lugar a defesa ciosa da pureza da linguagem nacional, que não é, somente, uma caturrice de teimosos gramaticões, mas uma defesa instintiva do mais forte laço social. A contra-prova, dão-na os povos conquistadores que impõem à força a sua língua aos vencidos, e os vencidos que defendem corajosamente a sua língua nacional.

Os *nacionalismos* modernos não são mais do que uma reacção violenta, contra a tendência dissociadora dos diferentes internacionalismos, desde os doutrinários até aos económicos e sociais.

Que há diferenças de ideal social de povo para povo, e, portanto, tipos diferentes de educação, basta para o reconhecer observar certas características peculiares de cada nação: o inglês é desportivo e dominador, o francês literário e espirituoso, o italiano artista e poeta, o alemão filósofo e teimoso, o espanhol palrador e brigão.

Não sei bem qual é o ideal social do português; mas suponho que, além do ideal negativo de «*não ser espanhol*», não tem outro bem definido. Assentados à beira-mar a vêr passar os povos e a receber, com servil solicitude, os que se dignam visitar-nos, — nós, portugueses temos a mania de copiar de uns e de outros, o que mais admiramos, por menos compreendermos. E nem sempre copiamos o melhor. Mas isto fica para outra conversa...

Que as diferenças de ideal social são tanto mais diferentes, quanto mais afastadas são as mentalidades dos povos, é quasi evidente; mas a divergência toma às vezes formas estranhas.

Assim, todo o homem deve ser educado no sentimento da *Justiça*, e ninguém pode negar

que a justiça, nas relações entre os homens, é condição essencial da existência de qualquer sociedade.

Mas, — qual «justiça»?

A justiça dos brancos pode diferir, — e difere —, por exemplo da justiça dos prêtos. Parece-nos a nós, europeus, educados nas tradições romanas e judaicas, sublimadas pelo Cristianismo, que só há uma «*Justiça*», a correspondente à nossa mentalidade, ou ao nosso ideal social. Na realidade há muitos conceitos de justiça, correspondentes a outras tantas mentalidades; e quem fôr educado no sentimento da *nossa* justiça, ver-se-há perplexo num meio social diferente.

Cito dois exemplos:

Se um branco, soffredor de uma grave doença, fôr tratado e curado por um médico, julga-se obrigado, em boa justiça, a agradecer e pagar os cuidados de quem o tratou e, porventura, salvou.

Mas isto é mentalidade de branco; a mentalidade de prêto é diferente.

Um caridoso missionário, alguma coisa médico, tratou de perigosa enfermidade o *soba* ou régulo de uma tribo africana. Durante semanas a oito, o bom missionário percorreu, diariamente, algumas dezenas de quilómetros, para cuidar do seu paciente.

¿Pois sabem o que fez o *soba*, assim que se apanhou curado e sólido das pernas? Meteu-se a caminho, com numerosa comitiva, e foi apresentar-se ao missionário, para... reclamar o presente que lhe era devido pelo seu médico! Queria a sua paga! E, como o missionário lhe estranhasse o disparate da exigência, o prêto retorquiou-lhe, com desprêso e cólera: — «estes brancos, são uma súcia de exploradores, que andam semanas a fio, a aplicar *milongos* (remédios) a um pobre prêto e não lhe querem pagar».

Assim fala a «justiça de prêto».

Outro caso. Uma canôa indígena, com três prêtos descia o rio Zaire. Em frente de uma missão protestante, a canôa voltou-se e dois dos tripulantes desapareceram. O terceiro bracejou desesperadamente, para se manter à su-

perfície da água, até que uma lancha da missão conseguiu trazê-lo para terra, quasi morto.

Calculem, agora, qual seria o espanto do missionário, quando, algum tempo depois, o ex-náufrago se lhe apresentou a reclamar, com toda a arrogância... a sua paga! Escusado é dizer que o missionário, que tinha da «justiça» a noção que nós temos, não só repeliu a pretensão, como mandou encerrar o reclamante, até êle lhe fazer entrega de duas cabras, em pagamento do serviço prestado. Prêto pagou, mas ficou fazendo uma triste ideia da *justiça dos brancos*, que pescam um homem, e ainda por cima, lhe exigem a paga!

E não vale a pena tentar explicar estas e outras divergências de ideal de duas raças diferentes. Questão de mentalidades, que jámais se poderão entender, porque fundamentalmente se opõem!

10 — Meus Senhores! Do que temos exposto resulta, imediatamente, esta consequência: — que todo o sistema educativo, para ser eficaz e útil, deve ter em conta o meio social, — digamos — os usos e costumes tradicionais da comunidade e a sua mentalidade ou o seu *ideal social*; deve ser dominado pelo que chamamos sentimento, ou melhor «consciência da comunidade».

O educador, — indivíduo, agremiação, estado —, nunca deve perder de vista os interesses, necessidades e aspirações da comunidade, e a conveniência ou propriedade dos meios e métodos empregados, para a realização, tão perfeita quanto possível, do ideal social, e, particularmente, para a *conservação da unidade do agrupamento*. Eu diria, mesmo, que a educação deve ser dominada pelo *espírito nacionalista*, se não receasse estabelecer confusão com certos princípios políticos hoje em voga, inteiramente estranhos ao tema desta conferência.

E porque a educação, mesmo subordinada ao tal espírito nacionalista ou sentimento da comunidade, pode abranger grande diversidade de «factos sociais», — uns de importância fundamental e constante, outros residuais ou secundários, — é indispensável destriçar o que é *essencial* para a unidade do grupo, do que é *accidental* ou secundário.

11 — A tarefa da destriça dos «factos sociais» e, portanto, dos «objectos de educação», simplifica-se, se tomarmos para critério de classificação a correspondência desses factos às necessidades fundamentais de uma sociedade humana, qualquer que seja o seu grau de civilização e a sua mentalidade.

Ora, a análise destas necessidades vitais, mostra nos que nenhuma sociedade humana pode existir, se não se verificarem as seguintes condições:

1.º — que os indivíduos que a constituem possam viver, pois é evidente que não havendo indivíduos não há sociedade;

2.º — que os indivíduos se reproduzam, aliás a sociedade não perdurará, no tempo;

3.º — que os indivíduos aceitem as sujeições impostas pela sociedade, porque, de outro modo, surgirão ameadados conflitos entre êles, que os levarão a dispersarem-se e, por ventura, a guerrearem-se e destruir-se mutuamente.

* * *

Analise, sumariamente, estas condições:

Para que os indivíduos vivam é indispensável:

1.º — que fruam saúde e, portanto, que pela educação adquiram hábitos de higiene individual e colectiva;

2.º — que êles encontrem meios de subsistência, o que requer o aproveitamento dos recursos naturais do país, e o estabelecimento de relações pacíficas com outros povos, para haverem destes, por meio do *comércio*, o que o território nacional não produz. O estudo e utilização dos recursos naturais, são objecto da ciência e da técnica, isto é, do ensino e da educação individual, e presuppõe *hábitos de trabalho*, que se adquirem na família, na escola e na oficina.

Por sua vez, a reprodução, isto é, as relações sexuais, o nascimento e criação dos filhos, requerem uma educação especial, que visa o grupo social, restrito, da família, e compreende elementos dos outros ramos de educação designadamente da higiene e da moral.

Finalmente, a existência de relações entre os indivíduos, — fóra do simples acasalamento dos sexos —, exige, como foi dito, que os indivíduos sejam *educados*, no sentido mais lato que a sociologia dá à palavra.

E porque já conhecemos os elementos essenciais da vida social, estamos habilitados a precisar melhor os *objectos da educação*. Apontal-os-ei, sumariamente.

a) Os indivíduos devem ser educados na prática da higiene privada e pública, porque a saúde do indivíduo importa à do grupo, e a do grupo implica, necessariamente, a do indivíduo.

b) Todos os indivíduos devem receber ensino ou instrução, para serem capazes de colaborar com os outros membros do mesmo e de outros grupos, na exploração e utilização dos recursos naturais; para «ganharem a vida», segundo reza a expressão vulgar.

Isto é objecto, sobretudo, da instrução literária, científica, técnica e profissional; numa palavra, da *educação intelectual*.

c) Finalmente, os mesmos indivíduos devem adquirir os hábitos sociais do seu grupo, hábitos que resultam, como já disse, das suas tradições e tendências, e do *ideal* ou conjunto de aspirações colectivas.

Este é o objecto, simultaneamente, da educação familiar, da acção escolar, e da *convivência* ou contacto com os outros membros da comunidade.

Todavia, o homem, não só possui inteligência e sensibilidade, como outros animais, mas é dotado de *razão*, de *imaginação* e de *fala*, e carece de exercer estas faculdades, sob pena de estiolamento físico e moral.

Ora, como estas faculdades só em pequena escala, se utilizam para a satisfação das necessidades da vida animal, é indispensável que a comunidade proporcione aos seus membros outros meios de as exercerem.

Tal é o objecto da *recreação* ou *cultura*, que um eminente sociólogo e pedagogo americano, o Dr. Thomas Jesse Jones, inclui entre os «*elementos essenciais*», de qualquer sociedade humana, no mesmo plano que a saúde, o trabalho e a vida doméstica.

santes que sejam para o sociólogo e para o pedagogo, os três primeiros objectos da educação: — higiene pública e privada, meios de vida, e convivência, deixa los-ei de parte para focar a alta importância e significado social da *recreação* e *cultura*, e a vastidão das actividades que elas abrangem.

Esta importância só foi reconhecida em época muito recente, graças aos trabalhos dos pedagogistas, dos higienistas e de certos sociólogos de tendências socialistas.

O reconhecimento pelo Estado, da recreação e cultura, como função social e ramo de administração pública, é muito mais recente e faz-se com grande lentidão e manifesta relutância.

E não admira; porque a ideia vulgar é que tais formas de actividade são, de certo modo, repreensíveis, por constituírem dispêndio, em pura perda de tempo e de energias físicas e cerebrais. Os que assim pensam, confundem *recreação* com divertimento e passa-tempo fútil, que são apenas modalidades particulares ou categorias inferiores da *recreação*, tal como a defini, e que abrange, excedendo-o, o significado corrente de *cultura*.

Como V. Ex.^{as} sabem, há ainda muitos educadores que consideram os jogos escolares, os exercícios físicos, o canto coral e os recreios infantis, como manifestações do *desafôro da época* e, até, como prova de incompetência pedagógica dos mestres. Nos meus tempos de escola primária, os meninos bem educados deviam tomar na rua, na escola e no seio das famílias, as atitudes graves e reservadas de um... seminarista em férias. E ainda me doem as mãos, ao lembrar-me da dúzia de palmatoadas que levei, porque numa manhã de 1.º de Dezembro, pinte na minha ardósia, ... a *Restauração de 1640*, com filarmónica, bandeiras e tudo. Hoje, talvez me aproveitassem a habilidade, para algum fim educativo.

Creio, porém, que a melhor forma de esclarecer o conceito de *recreação*, será enumerar, embora sumariamente, os seus principais objectivos:

1.º — *Cultura física*, compreendendo todos os exercícios físicos *praticados* — insisto — praticados com o fim de fortalecer e adestrar o corpo e temperar o carácter. Vai, desde os jogos in-

tantis, à ginástica pedagógica, à dança, aos diferentes desportos. Deixa, porém, de fóra os *matches* disputados por profissionais para divertimento dos basbaques, como os popularíssimos jogos do *bola-pé* (*foot ball*), que não é raro terminarem pelos jogos do *queixo-murro* e *pau-cabeça*, jogados pelos espectadores, com certo dano dos respectivos físicos e gáudio dos boticários.

2.º — *Cultura e desenvolvimento intelectual*, compreendendo :

a) o conhecimento e apreciação da música e das artes plásticas;

b) a literatura, incluindo a de teatro;

c) o conhecimento e apreciação da natureza;

d) o conhecimento e apreciação das invenções modernas, da física e da mecânica, incluindo a prática de trabalhos manuais de amadores: recreações científicas;

e) o conhecimento e apreciação da história, da sociologia, da geografia humana e de outros ramos de saber que têm por objecto o homem e as suas actividades;

f) os exercícios de agilidade mental (adivinhas, jogos de taboleiro, etc).

3.º — *Cultura moral e religiosa*;

4.º — *Cultura cívica e serviços sociais*, incluindo, além de certos serviços de interesse público, como o serviço de incêndios, socorros a feridos e semelhantes, as organizações de assistência moral, de beneficência, de educação da infância, etc.

5.º — *Convivência*, compreendendo as reuniões recreativas, as festas mundanas, os banquetes e beberêtes, os jogos lícitos e tôdas as distrações e passa-tempos.

* * *

Meus Senhores. Êste muito resumido catálogo dos tipos e objectos da *recreação* ou *cultura*, mostra que não há «facto social», que não implique a necessidade da cultura, ou não seja um motivo do seu aperfeiçoamento, quando devidamente aproveitado.

Dispensso-me, portanto, de insistir mais sobre a importância e alto valor educativo que ela oferece.

Entretanto, não passarei adiante, sem focar um singular contrasenso que, em regra, nos passa despercebido:—Ao passo que os estados

dispendem, largamente, os seus recursos com o *ensino* de vários graus e diversas naturezas, isto é, com os meios de valorizar os indivíduos como máquinas de trabalho, só muito parcamente elles auxiliam a educação, no seu aspecto colectivo e eminentemente social da *cultura*. E, todavia, a *paz social*, depende muito mais da *educação* que do *ensino*.

Bem fazem, portanto, as instituições particulares, como a C. P., que auxiliam, na medida do possível, a criação e desenvolvimento de institutos de educação e cultura, como o Ateneu Ferroviário, e bem hajam os iniciadores e animadores do Ateneu, porque todos contribuem para dar vida a uma obra de alto valor social.

Como noutra ocasião já disse nesta sala, todo o auxílio financeiro prestado a instituições como o Ateneu, constitue uma boa aplicação de capitais, de que tiram lucro, tanto a empresa como os associados. Quanto aos auxílios morais, creio que por não figurarem nas contas, nem por isso são menos valiosos, nem menos apreciados.

A' Direcção do Ateneu direi que o seu programa, sendo indefinidamente extensível, é um programa de benefícios incalculáveis para a comunidade ferro-viária.

* * *

Meus Senhores e Senhoras. Pretendi demonstrar que *Comunidade* e *Educação* eram conceitos associados e complementares, e fui levado a concluir que o *bem moral* da comunidade exige, sobretudo, que se atenda ao que eu chamei *recreação*, a qual abrange a *cultura*, nas suas mais variadas manifestações.

O tema da minha conferência levou-me, assim, logicamente, a fazer o elogio da instituição onde tenho a honra de falar neste momento, e a traçar de certo modo o seu programa.

Meus Senhores! Mais teria que dizer, mas diz-me o relógio que é momento oportuno de lhes contar uma breve historietta:

Quando Napoleão, ao retirar da Rússia, com o exército desmantelado, se apercebeu do pró-

ximo fim do seu poderio, perguntou um dia ao marechal Berthier, chefe do estado-maior: — «Berthier, que diriam os franceses se eu morresse nesta campanha?»

«Sire», — respondeu o marechal —, «os franceses chorariam o Imperador, que deu à França tantas vitórias gloriosas».

«És muito bronco, Berthier», — retorquiu-lhe

o Imperador, com certa amargura — «os franceses diriam: Uff...»

Meus Senhores! Convido-os a imitarem os franceses...

Eu terminei!

Muito obrigado pela atenção que me prestaram.



CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

COIMBRA — Um trecho do Choupal

Fotog. do Sr. Manuel Gomes, Revisor de 1.ª classe

Prescrições para a segurança individual do pessoal

(Continuação)

CAPÍTULO VII

Combóios em marcha ou em manobras

ARTIGO 28.º

E' muito perigoso:

1.º — Pendurar-se das máquinas, tênderes e veículos dos combóios em marcha, de fôrma a exceder a cêrcea (*gabarit*);

2.º — Introduzir-se entre os veículos de um combóio em andamento ou passar entre os vagões, para os engatar ou desengatar, antes que êles estejam completamente parados;

3.º — Colocar-se em frente dos tampões de choque (Figura 28);

4.º — Encostar-se (Figuras 29 e 30) ou pôr as mãos (Figura 31) nos tampões de choque para empurrar os vagões (Figura 32).

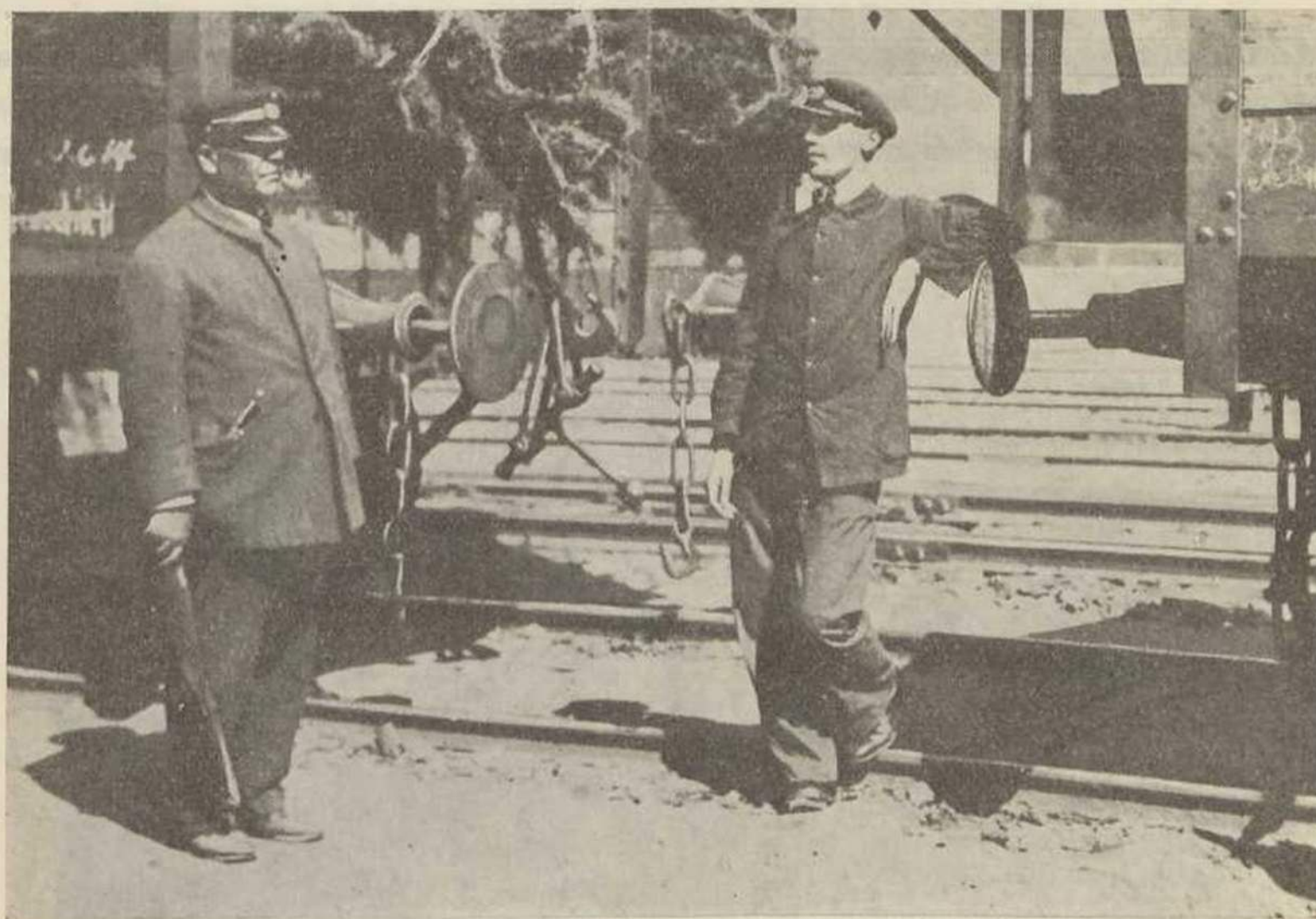


Fig. 28

É perigoso

estacionar em frente dos tampões de choque dos veículos;

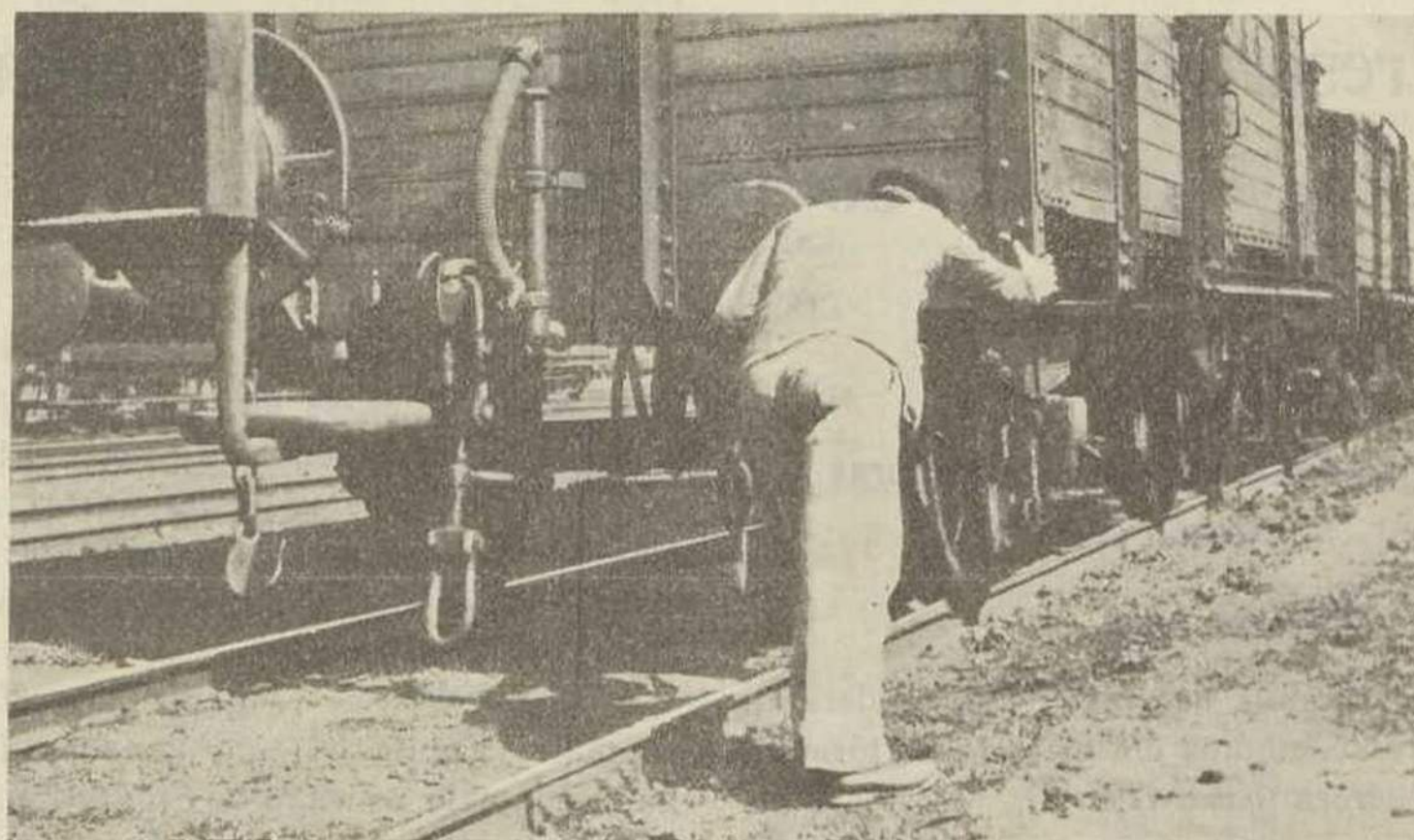


Fig. 29

É perigoso

encostar-se a um tampão de choque para empurrar um vagão, porque...

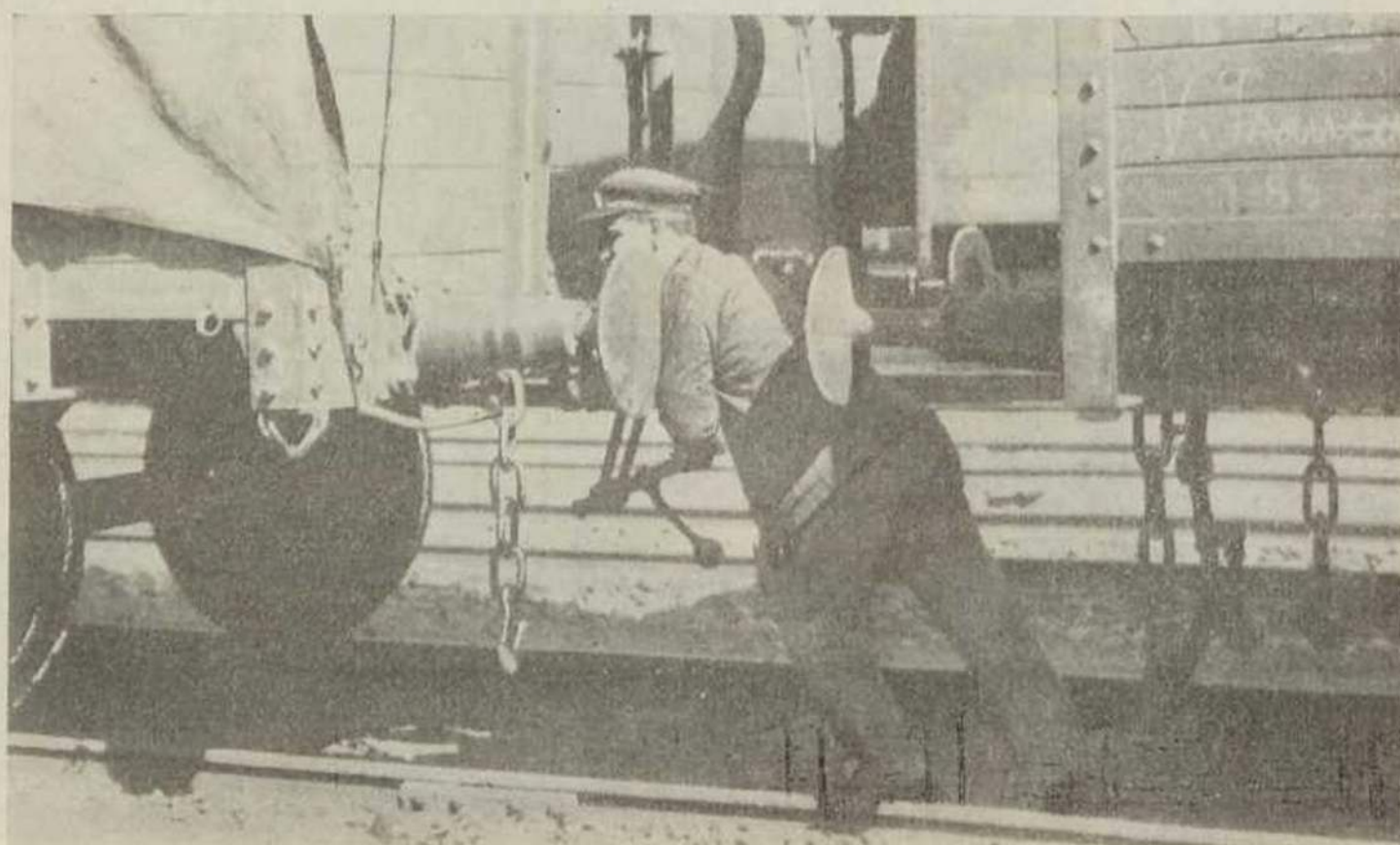


Fig. 30

...pode ser colhido mortalmente

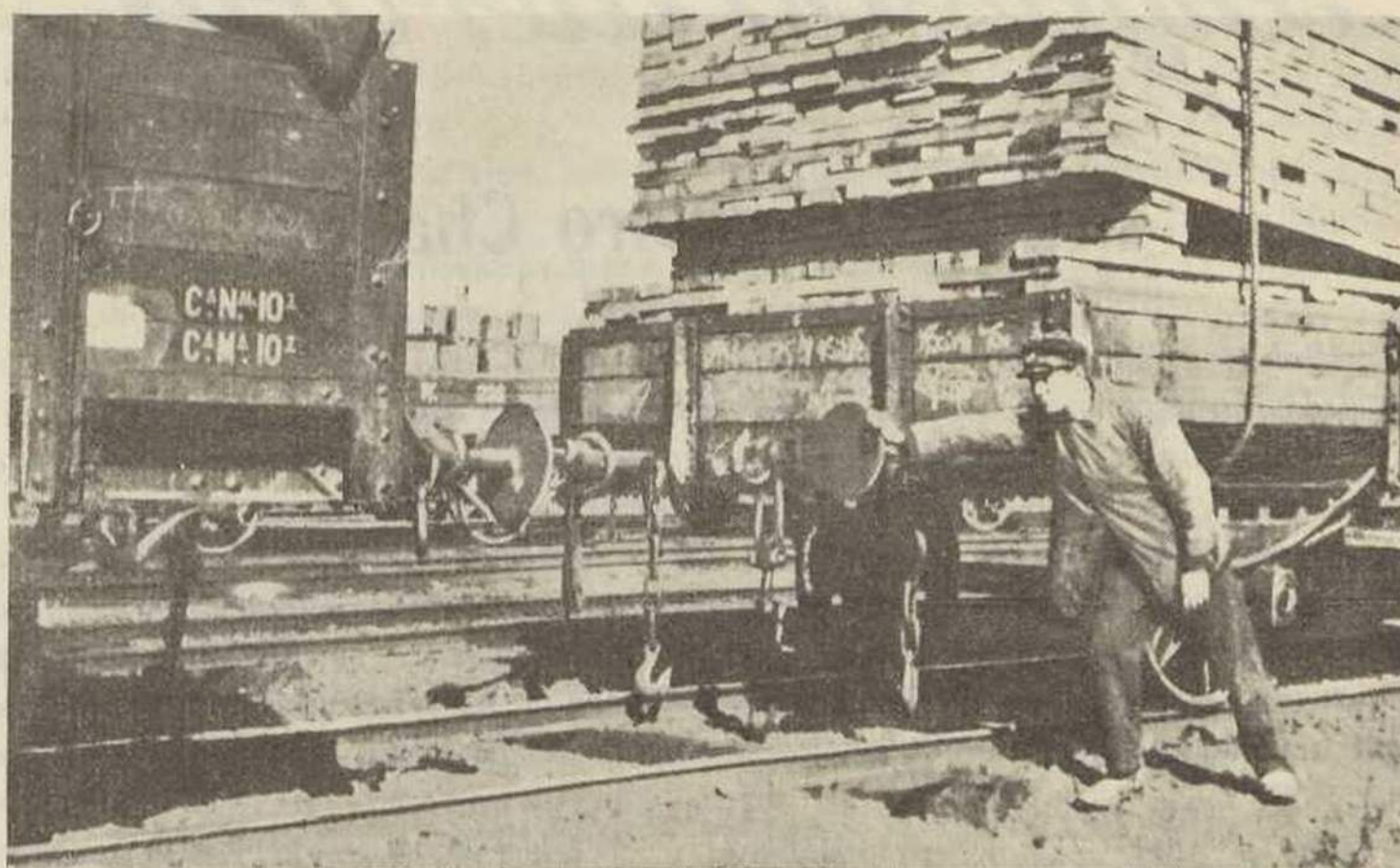


Fig. 31

É perigoso

pôr as mãos nos pratos dos tampões de choque por correr o risco de esmagar os dedos

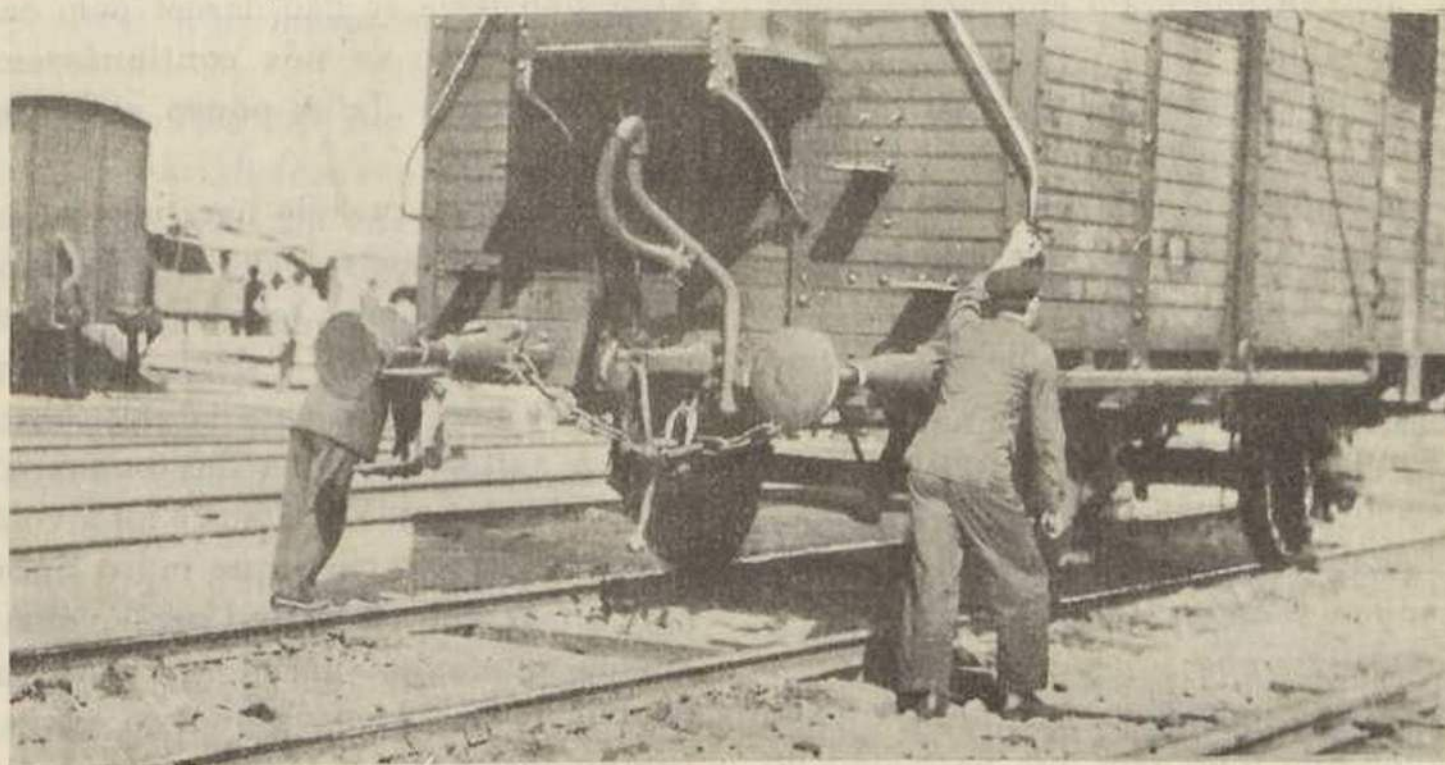


Fig. 32

Forma correcta de empurrar um vagão

Digressão Literária.

Manuel Pinheiro Chagas

Manuel Pinheiro Chagas, nasceu em 1842 e faleceu em 1895. Foi um notável escritor, orador, jornalista e dramaturgo. Compôs, em verso, o Poema da Mocidade. No género dramático escreveu: A Judia, A Morgadinha de Val-Flôr, que foi representada em 1869 e que o consagrou como brilhante dramaturgo, O Drama do Povo, etc.; no género histórico escreveu: História de Portugal, História Alegre de Portugal, Portugueses ilustres; no romance: A flôr seca, As duas flôres de sangue, O juramento da Duqueza, A mantilha de Beatriz, Tristezas à beira-mar, etc., etc.

Além desta extensa e notável obra, colaborou ainda em inúmeras revistas e jornais tendo, também, feito muitas traduções. A seguir transcrevemos um trecho da obra intitulada A descoberta da Índia (contada por um marinheiro), que foi publicada em folhetim no jornal «Diário de Notícias» ha perto de 50 anos.

.....
Era eu rapaz ainda, Snr. Gaspar Corrêa, quando embarquei na caravela de João Infante, e fui por êsses mares fóra como todos nós, à cata de aventuras. Era a primeira vez que navegava, mas a viagem foi de respeito. Para começar não se podia escolher melhor. Quando me lembro que eu, quando era pequeno, na Pederneira, achava que eram enormes aquelas ondas!... Eu sabia lá o que isso vinha a ser!... Ah! com seiscentos, quando nós nos vimos no mar alto, defronte do Cabo da Boa Esperança, que nós nem sabíamos que existia, e que vimos as caravelas a dar saltos mortais do alto de umas montanhas de agua, e quando vimos que, a-pesar disso, o demo do capitão queria ir para diante, e mais para diante, e sempre para diante, nós começámos a achar o caso um pouco turvo, e a dizer que tínhamos chegado, emfim, às portas do inferno, e que teimar era tentar a Deus.

E o capitão dizia-nos:

— Ah! brutos de uma figa, quereis ser como os vossos avós que julgavam que para além do Cabo Bojador tudo eram ondas de pez e céu escuro como breu?

— Qual Cabo Bojador! dizíamos nós, porque eu também ia com êles que me lembrava da

minha mãe que tinha ficado na Pederneira, e que tôdas as noites rezava à Senhora da Nazaré, lá por que êles se enganavam e julgavam que era ali que principiava o inferno, não se diga que o não encontrámos agora só porque fica mais longe.

E teimámos e gritámos, e dissémos que ali não havia cabo, que a terra não voltava, e que não fazia se não descer pelo caminho do inferno, e que se nós continuássemos quem encontraríamos daí a pouco seria Satanaz em pessoa.

E por mais que êle barafustasse e gritasse, e jurasse que nos matava a todos, nós é que já nos não rendíamos, e não iamos para diante nem à quinta facada. E demais a mais as nossas caravelas não eram para aquêles mares; andavam a saltar em cima das ondas como umas rolhas de cortiça. Voltámos e foi à volta que nós vimos o cabo, o cabo que tanto tínhamos procurado. E, Snr. Gaspar Corrêa, quando vimos aquela montanha enorme que entrava pelo mar dentro, e em tôrno da qual se ouvia sempre o rugido infernal dos temporais, e cujos cabeços furavam o céu negro, pareceu-nos ver realmente a porta do inferno. E até o capitão, mais o Snr. Bartolomeu Dias, que ali foi morrer depois, a-pesar do contentamento que tinham

por encontrar o cabo tão procurado, diziam tristemente:

— O Cabo das Tormentas!

Mas o Snr. Rei D. João II, quando soube o que se passou, disse alegremente:

— Não quero Cabo das Tormentas, que é nome de mau agouro. Cabo da Boa Esperança é que ele há de ser, que boa esperança temos agora de que havemos de chegar onde queremos.

Dizia bem aquêlê grande Rei, que me parece que ainda o estou a ver a olhar para nós com um sorriso que nos fez estremecer a todos.

— Eh! rapazes, disse êle, então já lá por êsses mares vos esqueceis de que sois portugueses?... Pena foi que o vosso capitão não tivesse enforcado meia duzia nos mastros. Sempre ao menos serviriam bem de espantalhos, já que para outra coisa não servieis.

Era cruel, porque nós tínhamos feito o que tínhamos podido. Por isso, também, João Infante acudiu:

— Os nossos navios é que tiveram a culpa. Aquilo não é mar para caravelas.

— Pois de outra coisa se tratará, tornou o Rei. Mas fiquem sabendo êstes homens: se já me não puder fiar em marinheiros portugueses, vou pedir aos reis católicos que me emprestem o espanhóis que foram com Cristóvam Colombo.

Ah! com seiscentos. Aquilo era um pouco duro de roer: os marinheiros espanhóis valerem mais do que nós! Eu por mim jurei que, se tornasse a embarcar, ou havia de deixar por lá os ossos, ou havia de tornar com mais terras descobertas do que tôdas as que tinha encontrado aquêlê palheirão do italiano.

Mas o Rei de repente sorriu para nós com brandura, e disse-nos:

— Vá, filhos! vá! Conto convosco.

Logo no dia seguinte, pode-se dizer, começavam-se a fazer outros navios, e quando eu fui à Pederneira ver a minha velha, por aquelas matas ali próximas, as de Leiria principalmente, não se ouvia senão a bulha dos machados a cortar as árvores mais valentes que por lá se encontravam.

Mas de repente aquêlê grande Rei, aquêlê

homem de ferro, tão novo ainda, morreu! Nem um filho para lhe suceder! O pobre Snr. D. Afonso já lá estava, e parecia até que fôra êle que arrastara seu pai para o túmulo!... O Snr. D. Jorge... coitado! O papa não quiz mesmo fazer dêsse bastardo um príncipe... E que o fizesse!... Não lucravamos... Quem subiu ao trono então? O Duque de Beja... o irmão do Duque de Viseu... aquela criança sonsa, que se escondia atraz das saías da irmã... e que olhava desconfiado para todos.

— Bom! dissémos nós, os marinheiros de João Infante... lá se vai tudo!... Rei novo, Rei do avêssô!... D. João ia para a direita, D. Manuel ha de ir para a esquerda. Vereis que ainda o Cabo da Boa Esperança torna a ser o Cabo das Tormentas... e as boas naus, que se estavam ali a fazer na Ribeira com a madeira dos nossos pinhais, hão de passar a ser galeotas em que o Snr. Rei ha de ir para Alcochete, onde nasceu, para também assim mudar de rumo, porque o Snr. D. João II ia para Azeitão.

Pois não succedeu assim, bem o sabeis. Com grande espanto nosso começámos a ver o Snr. D. Manuel mais empenhado ainda em viagens do que seu primo e cunhado. E se até aí se trabalhava nas naus como dez, começou se a trabalhar como vinte... E eu que estava na Pederneira com a minha santa velhinha a tratar de arranjar barcos de pesca, soube um dia pelo pregoeiro do concelho que tinha de ir, sem demora, para Lisboa, porque todos os marinheiros de João Infante deviam trabalhar nas naus que se estavam fazendo.

E era uma maravilha ver a azáfama com que se andava na Ribeira, e não era só o trabalho das naus, mas era o chegarem todos os dias carros de mantimentos, sem esquecer, já se vê, as conservas, mas até as águas cheirosas, que eram, dizia depois o galhofeiro do Fernão Veloso, para espantar o fedor da catinga dos pretos. E vinham também mercadorias sem conto, panos de ouro e de sêda e de lã de tôdalas as sortes e côres, e joias de ouro, colares e cadeias e manilhas, e prata branca e prata dourada, e bacias de mãos e gomis, e espadas e punhais, e traçados chãos e guarne-

cidos de ouro e prata de feições, e lanças e adargas, tudo guarnecido e enfeitado para se poderem espalhar presentes pelas terras por onde se passasse.

— Temos homem! diziamos nós. E o Snr. Rei D. João que lá está nos altos céus ha de estar bem contente, se de lá de cima, como é bem de esperar, êle puder ver a Ribeira das Naus da sua cidade de Lisboa.

Mas ia-se trabalhando, ia-se trabalhando, e o que ninguém sabia ainda era quem havia de

comandar a expedição. Uns falavam em Bartolomeu Dias, outros em Tristão da Cunha, alguns em D. Francisco de Almeida, que era homem que já dera que falar de si, porque estivera nas guerras de Granada, e fôra, segundo parece, a terras de França com o Snr. Rei D. Afonso V. Até que um dia rebenta, de súbito, na Ribeira das Naus esta notícia:

— Quem vai comandar esta expedição é Vasco da Gama.

.....

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Tráfego e Fiscalização

Tarifas:

P. n.º 609. — Peço o detalhe da seguinte taxa: G. V. — De Santarém a Abrantes — 2 motos com carro anexo, de peso superior a 350 Kg. carregadas num só vagão.

Carga e descarga pelos donos.

R. — Segue detalhe de taxa:

61 Km. T. Geral, base 15.ª

$$15,38 + \frac{15,38 \times 25}{100} = 19,22,5$$

Preço $19,22,5 \times 11 =$	211,548
Evoluções e manobras $570 \times 11 \times 2 =$	15,540
Registo e aviso de chegada	1,510
	227,598
Adicional de 10 %	22,800
Arredondamento	502
Total	250,900

P. n.º 610. — Peço seja indicado o processo de taxa e importância a cobrar a um passageiro portador de bilhete de assinatura de 3.ª classe da Tarifa 14 de Lisboa a Mato de

Miranda que embarca na estação de Lisboa-R em 2.ª classe do comboio 51 e depois de pagar em trânsito a mudança de classe para Santarém resolve seguir a Entroncamento.

R. — Taxa a processar:

Mudança de classe

Lisboa a Santarém:

3.ª classe — 100 Km 17,540

Lisboa-R. a Santarém:

2.ª classe — 100 Km 26,575

9,535

Com aviso:

$9,535 \times 5\% =$ 50

9,585

Excesso de percurso

Lisboa-R. a Entroncamento 113 Km.:

Diferença de 100 para
113 Km. 3,565

Com aviso:

$3,565 \times 5\% =$ 20

3,585

Sobretaxa velocidade 4,95

Total a cobrar 18,565



Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

Fotog. do Sr. Manuel Gonçalves, Empregado de 2.ª classe
dos Serviços Gerais de Exploração.

P. n.º 611—Rogo informar-me se a uma remessa em g. v. a que é aplicada a T. Geral base 5.ª com 50 % no caminho de ferro também são aplicados os 50 % na Via Fluvial.

Esta tarifa quando as linhas eram exploradas pelo Estado era independente da T. Geral por

os preços já serem bastante elevados. Actualmente há empregados que são de opinião que as mesmas majorações que são aplicadas à T. Geral devem ser aplicadas à T. da Via Fluvial.

R.— Os preços da Tarifa Fluvial são completamente distintos dos preços da Tarifa Geral.

Portanto, o aumento de 50 % que a Tarifa Geral estabelece para determinados transportes não têm aplicação na Via Fluvial.

Errata

Por lapso, saiu errada a resposta dada à consulta n.º 509 do *Boletim da C. P.* n.º 49, pelo que novamente a publicamos, devidamente rectificada:

P.— Tendo dúvidas, peço me seja descriminada a taxa seguinte: um vagão com desperdícios de peixe para adubo, com 10 000 quilogramas, de Casa Branca a Portimão, carga e descarga pelos donos.

R.— Tarifa Especial n.º 1 de P. V.—Tabela 34 (Aviso ao Público A. 369—4.º Aditamento ao A. 183).

Distância 240 Km.

Transporte.....	7577 × 6 × 10...	466520
Evolução e manobras.....	540 × 6 × 10...	24500
Registo e aviso de chegada..	1510

491530

Adicional de 5 %..... 24557

Arredondamento..... 503

Total..... 515590

DOCUMENTOS

I — Tráfego

4.º Aditamento à Tarifa Especial Interna n.º 3 de G. V. — Modificação da condição 7.ª relativa ao transporte de volumes que não devem ser admitidos nas carruagens.

Aviso ao Público A. n.º 445. — Podendo suscitar-se dúvidas sobre se as disposições do Aviso ao Público A. n.º 436, relativo aos transportes de *Faxina, Motano e Lenha*, seriam extensivas a toda a rede explorada pela Companhia, visto que nas redes do Sul e Sueste e Minho e Douro estavam em vigor os Avisos ao Público B. n.º 37 e C. n.º 97, de teor análogo ao do Aviso ao Público da antiga Rede A n.º 98, único que foi expressamente anulado, publicou-se o Aviso ao Público A. n.º 445 que anula aqueles dois documentos.

II — Fiscalização

Carta impressa n.º 1290. — Relação dos bilhetes de identidade e anexos extraviados na 2.ª quinzena de Fevereiro de 1935 e que devem ser apreendidos.

Carta Impressa n.º 1291. — Verificando-se que são enviadas às estações, com frequência, ordens de pagamento e de cobrança cujas verbas, contrariamente ao determinado no Art.º 56.º da Ordem da Direcção Geral n.º 229, não terminam em 0 ou 5, determina que esses documentos, quando recebidos em tais condições, sejam devolvidos aos Serviços remetentes, para serem regularizados.

Carta Impressa n.º 1292. — Sobre a prorrogação do prazo de validade de vários passes.

Carta Impressa n.º 1293. — Determina que sejam sempre lavrados autos de verificação (Mod. R 20) quando se verifique que a mercadoria transportada não corresponde à designada na respectiva declaração de expedição, deixando-se de rectificar a guia e a carta de porte,

como uma grande parte das estações fazia ao processar a respectiva taxa.

Carta Impressa n.º 1294. — Recomenda o exacto cumprimento do disposto no Art.º 200.º do livro E. 11, ácerca do envio das guias ao Serviço Central.

Carta impressa n.º 1295. — Sobre a prorrogação do prazo de validade de vários passes.

Carta impressa n.º 1296. — Ácerca da redução de 50 % sobre os preços da Tarifa Geral para o transporte das pessoas que tomaram parte no II Congresso Internacional de Estomatologia, realizado em Bolonha nos dias 14 a 19 de Abril de 1935.

Carta Impressa n.º 1297. — Determina ao pessoal das estações expedidoras que as medições e pesos dos volumes a transportar, além de serem indicados na declaração de expedição (guia e talão), sejam transcritos para o verso da carta de porte.

Carta impressa n.º 1298. — Informa que a Estação de Fruticultura de Caldas da Rainha foi autorizada a expedir *em portes a pagar* remessas de plantas vivas (enxertos de fruteiras e videiras), sempre que as declarações de expedição sejam autenticadas com o carimbo ou selo branco daquele estabelecimento.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Março de 1935

	Antiga Rede		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Periodo de 1 a 7...	4.040	3.786	1.614	1.450	1.527	1.369
» » 8 » 14...	4.463	4.317	1.895	1.803	1.892	1.590
» » 15 » 23...	5.461	4.772	2.162	2.014	2.334	1.854
» » 23 » 31...	5.554	5.895	2.668	2.316	2.598	4.581
Total	19.518	18.770	8.339	7.583	8.351	9.394
Total do mês anterior	18.993	19.058	7.234	7.419	7.056	6.631
Diferença	+ 525	- 288	+ 1.105	+ 164	+ 1.295	+ 2.763

Factos e informações

Novo aparelho para manobras

Nos caminhos de ferro alemães estão a fazer-se experiências com um pequeno aparelho que, em determinados casos, pode substituir as locomotivas na deslocação do material e, portanto, na execução das manobras.

É desnecessário encarecer o valor d'este novo instrumento, útil, sôbretudo, nas estações menos importantes em que se não justifica a existência de uma máquina de manobras, e onde estas têm de ser feitas a braços ou pelas locomotivas dos combóios que nelas param, o que, em qualquer dos casos, é demorado, pouco prático e anti-económico.

Como se vê pelas fotografias que publicamos, o aparelho compõe-se essencialmente de um volante (ou guiador) que é manejado pelo agente que executa a manobra, de uma roda que assenta num dos carris da via e que é accionada por um motor de 6 HP movido a petróleo e de uma alavanca, de altura regulável,

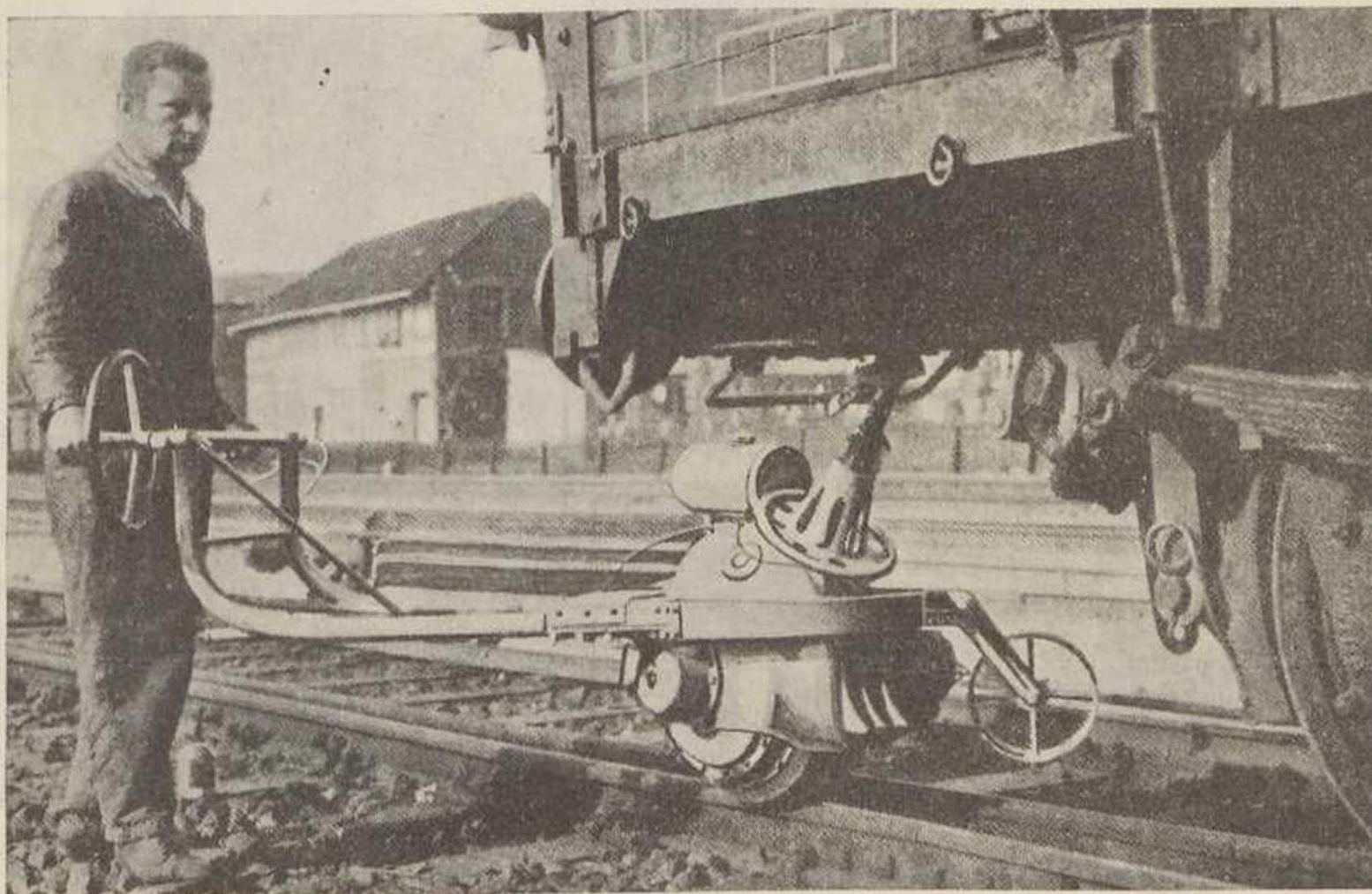
que se pode adaptar a qualquer tipo de veículo.

O aparelho pode empurrar 30 ou 50 toneladas de carga segundo esteja sêco ou húmido o carril em que a sua roda se desloca.

E' muito leve, de baixo preço e facilmente transportável, podendo atravessar as vias e deslocar-se em terreno acidentado sem dispêndio de grande esforço físico da parte do seu motorista.

Verificaram-se-lhe, porém, vários inconvenientes, entre os quais avultam o barulho do motor que impede a percepção dos sinais sonoros do agente que dirige as manobras, e a impossibilidade de os fazer em estações situadas em pendentes, visto o novo aparelho não ter nenhum dispositivo que faça parar o material e impeça a sua fuga.

E', no entanto, de esperar que êstes inconvenientes sejam remediados de fôrma que o novo «manobrador» de material possa vir a desempenhar um importante papel na exploração ferroviária futura.



Efectuando manobras com o novo aparelho



A nova estação de Oberhausen, dos Caminhos de Ferro Alemães

O triunfo da organização

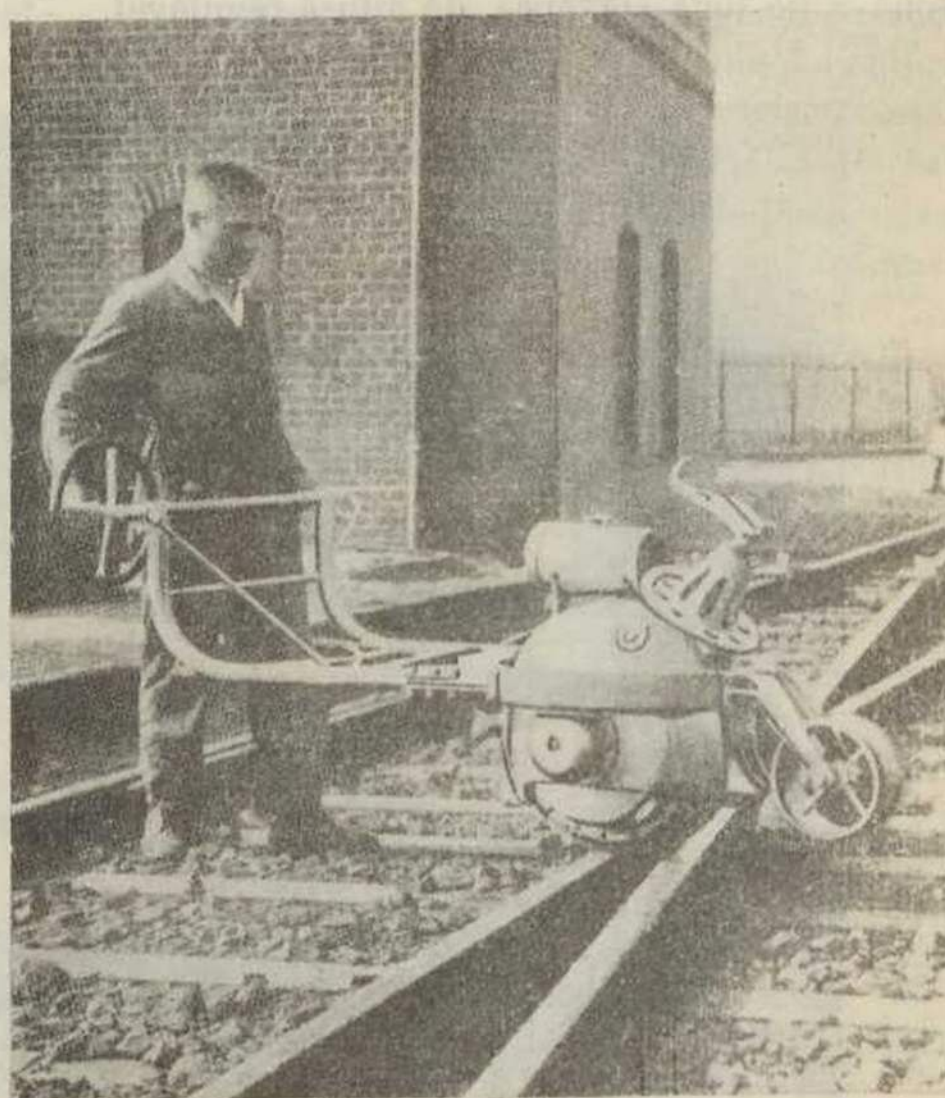
Os caminhos de ferro alemães tiveram ocasião de pôr à prova a sua modelar organização quando do Congresso do Partido Nacional-Socialista, realizado em Nuremberg, nos dias 4 a 10 de Setembro do ano findo.

Para dar idéia do colossal movimento de passageiros que afluía àquela cidade, basta dizer que foi de 500:000 o número dos congressistas, e que houve um dia em que 524 combóios especiais despejaram em Nuremberg 770:000 passageiros.

Para a circulação destes combóios, em que se empregaram 600 locomotivas, foi necessário organizar 2:100 marchas.

A estação de Nuremberg-Dutzendteich, que serve o estádio onde se realizaram parte das cerimónias do Congresso, foi completamente reconstruída e transformada, tendo as obras importado em 2,5 milhões de marcos (17:500 contos da nossa moeda), e nas duas estações principais de Nuremberg, bem como em algumas dos arredores, foi necessário construir novas linhas e modificar as existentes, reformar e aperfeiçoar as sinalizações, etc.

A fôrma impecável como decorreu todo o serviço constituiu um êxito para os caminhos de ferro alemães e mostra bem como é perfeita e modelar a sua organização.



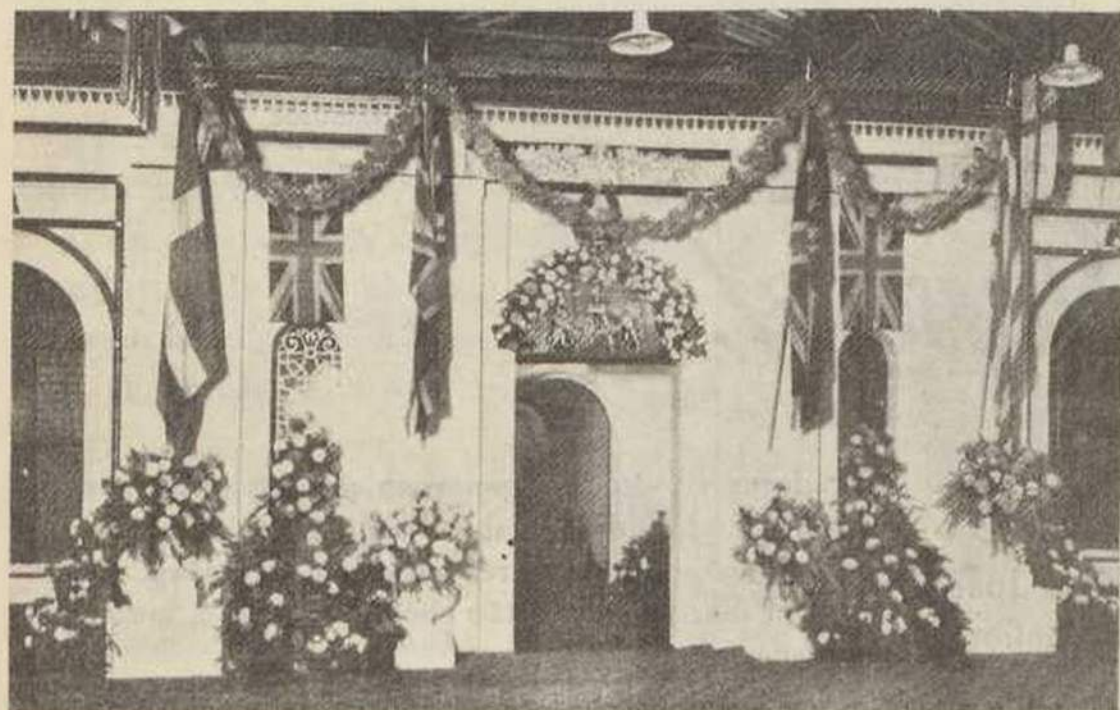
Atravessando as vias com o novo aparelho para manobras

Casamento de príncipes

Após as faustosíssimas cerimónias do casamento, realizado em Londres em fins de Novembro do ano passado, do Duque de Kent, filho do Rei de Inglaterra, com a Princesa Marina, da Grécia, tomaram os noivos na estação de Paddington (Londres), o comboio que os conduziu a Himley Hall, célebre palácio situado no coração da pitoresca floresta de Arden, perto



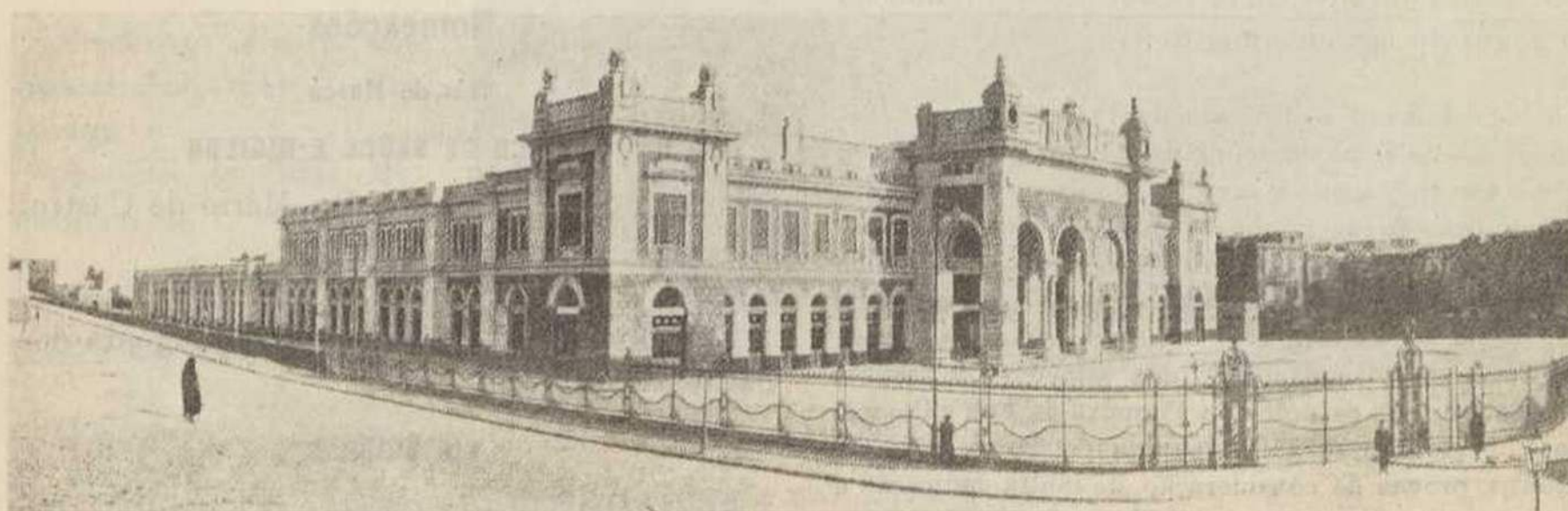
Os duques de Kent na estação de Paddington, quando do seu casamento



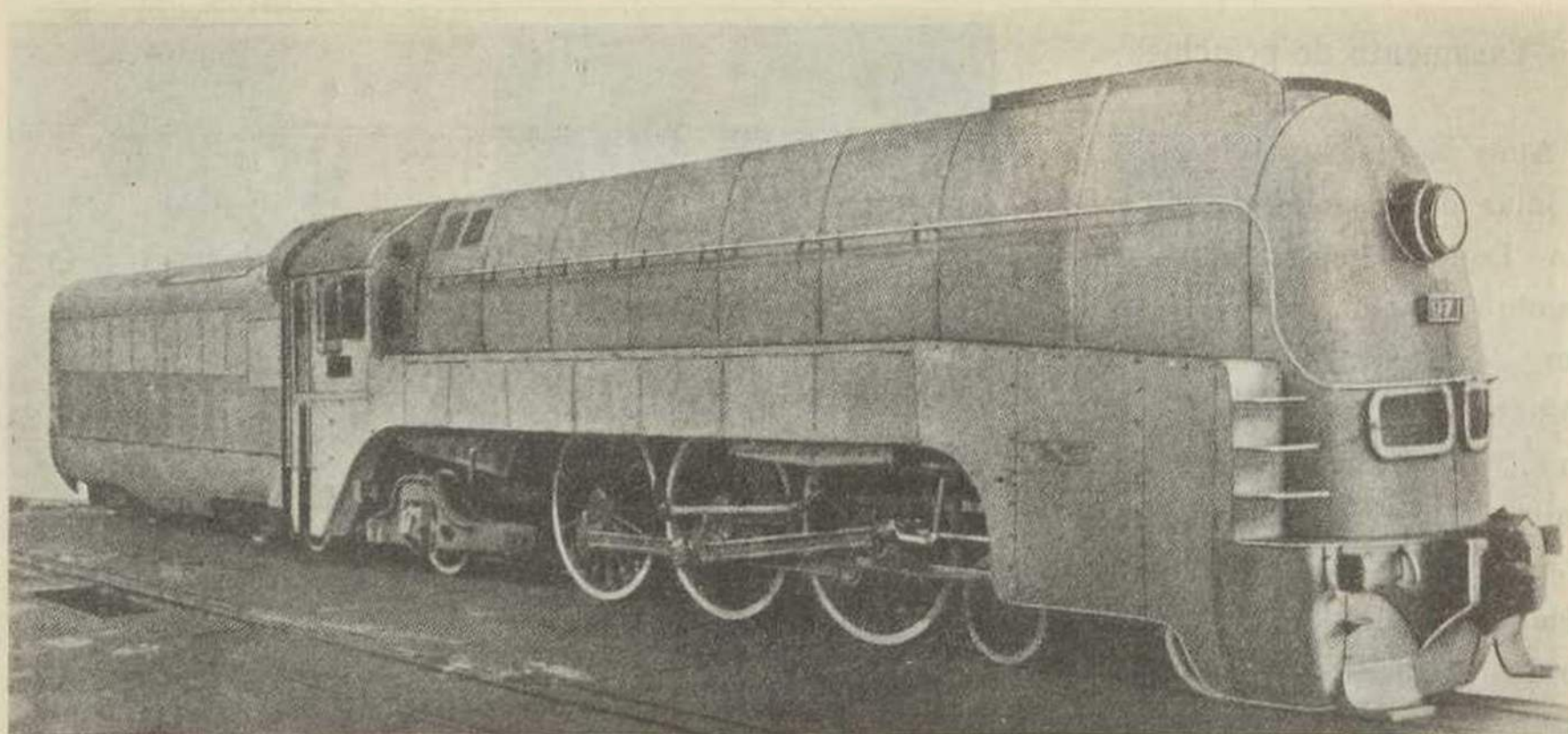
A sala da estação de Paddington ornamentada

de Birmingham, onde passaram a lua de mel.

As fotografias que publicamos mostram-nos as lindas decorações florais da sala da estação de Paddington, onde os príncipes esperaram a partida do comboio, e um aspecto da sua entrada no cais da referida estação, acompanhados por altos funcionários da Companhia de Caminhos de Ferro.



A estação de Alexandria, acabada de construir e pertencente aos Caminhos de Ferro do Estado Egípcio



Locomotiva tipo Pacific destinada a rebocar o «Expresso da Asia» dos C. F. do Sul da Manchúria. No percurso Dairen a Mukden e Hsiking que é de aproximadamente 720 Km., esta locomotiva reboca combóios rápidos a velocidades médias, entre estações de 85 a 90 Km./hora, fazendo o percurso em 8 horas e 30 minutos. A fim de diminuir a resistência do ar, a locomotiva e o tender foram recobertos de chapas, dando-lhe assim forma aerodinâmica

Pessoal

Agradecimento

Acaba de pedir a sua reforma o Snr. José Pedro da Silva, Sub-chefe de serviço que chefiou, durante bastantes anos, a 3.^a Circunscrição da Exploração. No próximo mês publicaremos a notícia acerca da carreira brilhante deste funcionário exemplar. Ao deixar o seu cargo, o Snr. José Pedro da Silva pediu-nos a publicação do seguinte agradecimento:

Tendo deixado a direcção dos serviços da 3.^a Circunscrição de Exploração, no dia 31 do p. p., por motivo de me ter sido aceite o meu pedido de reforma, e tendo, por ocasião da minha despedida, recebido do pessoal que me estava subordinado, constituído pelos Snrs. Inspectores, meus adjuntos e colaboradores, bem como o Snr. Agente Comercial; empregados de escritório da Circunscrição; das estações; de trens e revisão e os das estações da Figueira da Foz e Pampilhosa, pertencentes à Companhia da Beira Alta, as maiores provas de consideração, de muita dedicação e estima, que bastante me sensibilizaram e me deixaram extremamente penhorado, eu venho muito reconhecido

agradecer a todo esse generoso e disciplinado pessoal manifestando-lhe a minha eterna gratidão por tantas provas de simpatia e respeito com que nesse incomparável dia, por vezes tão cheio de emoção, me souberam acarinhar.

A todos muito e muito obrigado!
Coimbra, 19 de Abril de 1935.

José Pedro da Silva

Nomeações

Mês de Março

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE

Médico da 12.^a Secção, Dr. Mário de Castro.

EXPLORAÇÃO

Bilheteira de 3.^a Classe, Maria Eugénia dos Santos Gouveia.

VIA E OBRAS

Electricistas de 2.^a Classe: António Ferreira, João França e Salviano Francisco de Paiva.

Transferência

SERVIÇO DE SAÚDE E HIGIENE

Dr. Fernando Duarte de Azeredo Antas — de médico substituto da Assistência Domiciliária de Gaia e da 12.^a Secção para médico substituto da Assistência Domiciliária do Pôrto, com residência no Pôrto.

Reformas

Mês de Março

EXPLORAÇÃO

César de Andrade, Fiel de 1.^a classe.

António Faria, Condutor Principal.

Alexandre Fernandes, Condutor Principal.

José António Nunes, Condutor de 1.^a classe.

Francisco de Sousa Soares, Agulheiro de 1.^a classe.

Francisco Casimiro Rocha, Agulheiro de 1.^a classe.

Manuel Maria, Guarda de estação.

MATERIAL E TRACÇÃO

Frederico Alvares dos Santos, Sub-Chefe de Depósito.

Joaquim da Costa, Maquinista de 1.^a classe.

VIA E OBRAS

Manuel Guerretro Murta, Chefe de distrito.

Alexandre Júlio, Chefe de distrito.

António Rodrigues, Chefe de distrito.

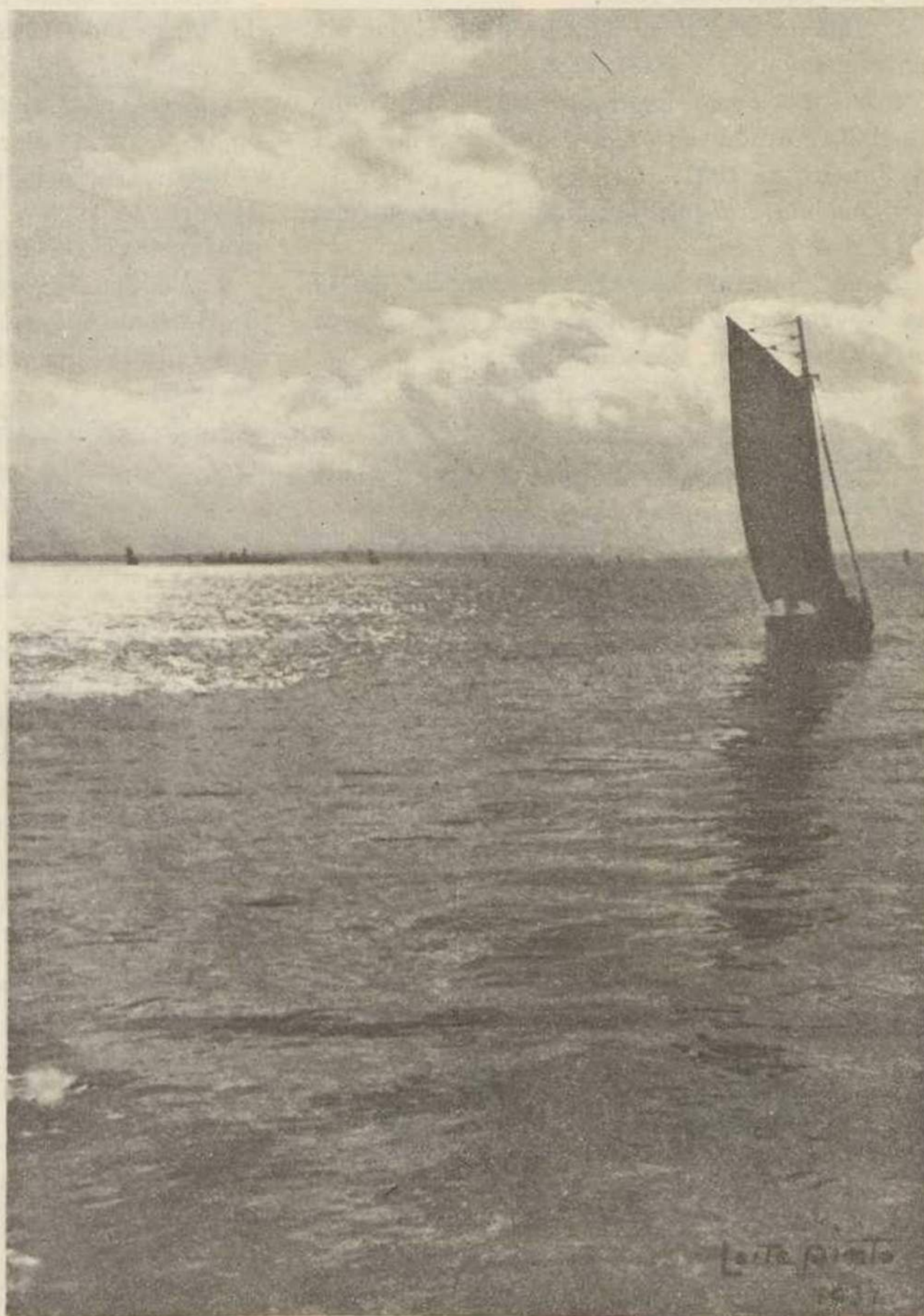
Francisco Vieira, Assentador de distrito.

António Carvalho, Assentador de distrito.

Leonor Maria Ferreira, Guarda de distrito.

Ana da Silva, Guarda de distrito.

Maria da Piedade, Guarda de distrito.



Rio Tejo

CONCURSO DE FOTOGRAFIAS DE 1935

Fotog. do Snr. Abel Leite Pinto, Empregado de 2.^a classe da Divisão de Exploração.

Falecimentos

Mês de Março

EXPLORAÇÃO

† *Raúl da Silva*, Factor de 1.^a classe em Campanhã.

Admitido como praticante em 20 de Abril de 1911, foi promovido a factor de 1.^a classe em 8 de Janeiro de 1925.

† *António da Silva*, Factor de 3.^a classe em Entroncamento.

Admitido como aspirante em 1 de Junho de 1929, foi nomeado factor de 3.^a classe em 1 de Janeiro de 1931.

† *António Ribeiro*, Guarda de estação em Vila Meã.

Admitido como carregador eventual em 17 de Novembro de 1919, foi nomeado guarda de estação em 30 de Março de 1925.

† *José Pinto Aleixo*, Carregador em Alfaiates.

Admitido como carregador em 6 de Abril de 1904.

† *Moisés Pereira de Moura*, Carregador em Penafiel.

Admitido como carregador eventual em 9 de Fevereiro de 1914, foi nomeado carregador efectivo em 8 de Junho de 1917.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Belarmino Pedro Campos Viegas*, Chefe de Secção nas Oficinas Gerais.

Admitido em 25 de Abril de 1907 como aprendiz de funileiro. Foi promovido a chefe de secção em 1 de Janeiro de 1933.

† *Eduardo dos Santos*, Fogueiro de 1.^a classe no Depósito de Campolide.

Admitido como limpador de máquinas em 1 de Setembro de 1924. Foi nomeado fogueiro de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1927.

† *Manuel Pereira*, Limpador de máquinas, no Depósito de Gaia.

Admitido como limpador de máquinas em 1 de Janeiro de 1922. Foi nomeado fogueiro de 2.^a classe em 1 de Outubro de 1927.

† *Domingos Cabrita*, Limpador de máquinas no Depósito de Faro.

Foi nomeado fogueiro de manobras em 1 de Janeiro de 1919 e fogueiro de 2.^a classe em 1 de Janeiro de 1928.

† *Joaquim Victorino*, Limpador na Revisão de Entroncamento.

Admitido como limpador em 30 de Janeiro de 1927.

† *Albino Teixeira Pinto*, Guarda no Depósito de Gaia.

Admitido como limpador em 2 de Março de 1916.

VIA E OBRAS

† *Alípio do Nascimento Fernandes*, Empregado de 1.^a classe na 8.^a Secção.

Foi admitido como escrevente auxiliar em 27 de Março de 1919 e promovido a empregado de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1933.

† *Luiz Duarte*, Guarda-Fios do 14.^o Cantão.

Foi admitido como assentador em 21 de Abril de 1907 e promovido a guarda-fios em 10 de Janeiro de 1917.



† António da Silva
Factor de 3.^a classe



† Moisés Pereira de Moura
Carregador



† Domingos Cabrita
Limpador



† António Ribeiro
Guarda de estação

A
BO

7 Letras

Tupin

Charadas duplas

(Aos distintos campeões de 1934, saudando)

11 — A carruagem ao ser lançada para um feixe de linhas, seguiu «uma das linhas baixas» e ficou «parada nessa linha» — 3.

Alcion

12 — Ao abrir o mealheiro encontrei um bom pecúlio — 4.

Sancho Pança

(Ao confrade e amigo Visconde de la Mortière)

13 — Ha diversos jogos que são a minha preocupação — 5.

Visconde de Cambolh

14 — O velhaco tentou fugir — 2.

Dalton

15 — É parvo por ser decrépito — 3.

Pina

16 — Paguei o imposto aduaneiro por transportar num pequeno cesto com tampa um papagaio — 3.

M. D. Coelho

(Ao confrade Sancho Pança)

17 — Guardei a cápsula no vaso em que se guardam as hóstias sagradas — 3.

Marquês de Carinhas

Charadas em frase

18 — No bosque silvestre e espesso, vi o infiel brigar com o valentão — 2-2.

Roldão

19 — Um cego perdido, basta uma vara para o guiar — 1-1.

Zé Sabino

20 — Em busca de fortuna em terras de além-mar, o homem demonstrou ser inconsciente e pouco atilado — 2-2.

Alcion

21 — Esta «viola pequena» é um «instrumento» que se pode tocar no «ascensor mecânico para ladeiras íngremes» — 2-2.

Labina

Mefistofélicas

22 — A cilada preparada contra a deusa não tem direcção — 3.

Tupin

23 — Uma espécie de tonel e um chambre de homem, não cabem numa choça de pretos — 3.

Veste-se

24 — O destino tudo rei até o barrete dos jesuitas — 3.

Otrebla

Aumentativas

25 — Entrei na briga como um furacão — 2.

Tupin

Tabela de preços dos Armazens de Viveres, durante o mês de Maio de 1935

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Bremen. kg.	2\$80	Carvão-Gaia e Camp. . kg	\$55	Ovos..... duzia	variável
» Nacional..... 2\$70 e	2\$75	Cebolas kg.	\$65	Petróleo-Lx. ^a -Barreiro e Évora. lit.	1\$00
» Valenciano kg.	2\$80	Chouriço de carne »	14\$00	Petróleo-Restaurantes Armazens. lit.	1\$00
» Siao	3\$15	Far. ^a de milho amarelo. »	1\$50	Presunto 10\$00 e	10\$50
» Carolino	3\$10	» » » branco .. »	1\$35	Queijo da Serra..... »	11\$00
Assucar de 1. ^a Hornung kg.	4\$40	» » trigo »	2\$25	» flam. ^o Estrangeiro .. kg.	24\$00
» » 1. ^a manual . »	4\$20	Farinheiras »	7\$80	» » em Companhia . »	21\$00
» » 2. ^a Hornung »	4\$15	Feijão amarelo..... lit.	2\$10	Sabão amêndoa »	1\$30
» » 2. ^a manual . »	3\$95	» branco..... 1\$90 e	1\$95	» Offenbach »	2\$60
» pilé »	4\$25	» frade 1\$90 e	1\$40	Sal..... lit.	\$16
Azeite de 1. ^a .. lit. 7\$50 e	7\$10	» manteiga lit.	2\$05	Sêmea. kg.	\$80
» » 2. ^a lit.	7\$00	Grão de 1. ^a »	2\$75	Toucinho..... 6\$50 e	7\$15
Bacalhau sueco..... 4\$40 e	4\$80	» » 2. ^a »	1\$90	Vinagre lit.	\$75
» inglês	6\$40	Lenha..... kg.	\$20	Vinho branco »	\$65
Banha kg.	7\$50	Manteiga..... »	17\$50	Vinho tinto-Em Gaia..... »	1\$00
Batatas »	variável	Massas..... »	3\$60	Vinho tinto-Em Companhia .. »	\$80
Carvão de sôbro kg. \$50 e	\$55	Milho..... lit	\$85	Vinho tinto-Restant. Arm. ^a . »	\$65

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazem do Barreiro são acrescidos do imposto camarário

Alem dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louças de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 16 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).